

Fechar no vermelho!...

ANIL 1957-2007



Rui Leite
Presidente da Direcção da Anil

Quando um navio acabou de cavalgar uma onda e vê nova parede de água rapidamente a aproximar-se, ninguém se lembraria de pedir a um tripulante para fazer um balanço da viagem. Pois, é um pouco assim que me sinto ao escrever estas linhas...

Apesar de ser já bem longa a minha ligação ao leite e ao sector de lacticínios, não tenho memória de um ano tão agitado como este, com tantas cambiantes e tantas angústias. Penso mesmo que daqui a alguns anos, os mais ligados ao sector referir-se-ão a propósito de qualquer coisa de que foi "antes do Verão de 2007" ou que aquilo se passou "depois do Verão de 2007"...

Como já foi dissecado quase até à exaustão nas páginas deste nosso INFORMAÇÃO ANIL e apesar de se poder enumerar uma boa mão cheia de argumentos ou de causas que estão na origem ou justificam o estado de coisas que atravessamos, não há, em bom rigor, um facto, uma data, um clique que possamos culpar pelos males do mundo e é exactamente esta 'névoa', esta sensação de que tanta coisa contribuiu para a situação actual, que nos deixa ainda mais desarmados na hora de tentar fazer previsões ou estabelecer projecções.

Esta parece de algum modo a velha história da gota que fez transbordar o copo, mas também, em abono da verdade, ninguém conseguiu ver com clareza que o copo já estava cheio e que a gota que o faria começar a verter estava prestes a chegar...

E se quanto às causas e quanto à dificuldade de prever a evolução num futuro mais ou menos longo estamos conversados, já em relação às correspondentes consequências no presente e ao que poderá acontecer, pelo menos no futuro imediato, gostaria de deixar algumas breves reflexões. Assim:

- uma larga percentagem das empresas do sector irá, julgo eu, fechar 2007 com as contas no vermelho; o soro e o leite em pó (para quem os produz) ainda alimentaram a espe-

rança de um ano bem positivo, mas o encarecimento brutal do leite à produção (entre mais 35 e mais 50%) e de outros inputs produtivos (combustíveis, energia, embalagens,...) e a incapacidade ou a prudência na repassagem desses custos para os distribuidores, não deixam grandes expectativas em relação à rentabilidade das empresas do sector no ano prestes a terminar.

- apesar de se poder argumentar que os preços actuais da matéria prima resultam do funcionamento do mercado, há uma consciência clara entre compradores e produtores de que parte dos valores que estão a ser pagos tem em si implícita uma elevada dose de especulação; pelos elevados preços a oferta (produção) tende a aumentar e pelos elevados preços a procura tende a cair, o que, inevitavelmente, tenderá a pressionar os preços em sentido descendente

- hoje os preços à produção estão relativamente equilibrados entre Portugal e Espanha, mas assumiram diferenças quase incomportáveis em relação aos valores praticados no além-Pirinéus; o que quer pelo retomar do normal ciclo de importações de matéria prima por parte de uma boa parcela das empresas transformadoras espanholas, quer pela pressão sobre a distribuição ibérica, em especial no fabrico das 'marcas brancas', irá funcionar como uma ameaça mais à rentabilidade da fileira do leite nacional.

- esta crise veio também mostrar à saciedade a crescente integração dos mercados portugueses e espanhol, pelo que não se pode dizer mais que existe um país tendencialmente autosuficiente, uma população de 10 milhões de habitantes e uma produção de 1,9 milhões de



toneladas e um outro de 45 milhões de habitantes, uma produção de 6,1 milhões e um consumo de 9 milhões de toneladas. A verdade é que existe um mercado de 55 milhões de consumidores, uma produção de 8 milhões e um consumo de 11 milhões; quer se queira, quer não, é o problema deste mercado alargado que deve ser atacado e resolvido.

- infelizmente estamos perante esta situação de crise, este déficit de abastecimento e verificamos que por parte do poder político as respostas são escassas, de sentido aparentemente antagónico ao posicionamento pretendido pelo sector, em que perante o desafio do aumento da oferta, a resposta passa pelo aumento (genérico, em toda a Europa) dos direitos administrativos de produção (que serão de seguida desmantelados, sem contrapartidas), mas que, em simultâneo, ao nível dos programas de apoio que estão a ser aprovados e colocados no terreno, ao leite nada cabe, para o leite nada se prevê, em relação aos problemas concretos da fileira do leite, nada é dito...